

A MICRORREGIÃO DE FRANCA (SP): A CHEGADA DO CAFÉ NUMA REGIÃO DE PEQUENAS PROPRIEDADES E A MANUTENÇÃO DA DINÂMICA SOCIAL E ECONÔMICA EM FINS DO SÉCULO XIX.

Almir de Paula e Silva
Bacharel e licenciado em História pela Unesp
campus de Franca (SP) e Mestre em Sociologia pela Unesp – câmpus de Araraquara
(SP)

RESUMO

O presente trabalho faz parte das discussões realizadas na dissertação de mestrado sobre os pequenos municípios da microrregião de Franca. Ele traz o estudo da microrregião de Franca, apresentada considerando sua formação histórica, suas heranças econômicas, sociais e culturais, que irá nos auxiliar no entendimento do estudo dos pequenos municípios. A constituição dos municípios, o processo de fragmentação territorial e as particularidades socioeconômicas são descritas e analisadas tendo em vista as transformações ocorridas com a chegada da ferrovia, do café, dos imigrantes europeus. Com isso, compreende-se que a região, como os demais espaços não se explicam por si mesmos, pois se inserem em processos globais, que de certa forma influenciam em sua formação socioeconômica.

A microrregião de Franca corresponde atualmente a uma subdivisão dentro da mesorregião de Ribeirão Preto localizada na parte nordeste do Estado de São Paulo, tendo suas origens no antigo caminho das minas de Goiás. É formada por dez municípios: Cristais Paulista, Franca, Itirapuã, Jeriquara, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Rifaina e São José da Bela Vista. Observe o mapa ilustrando a microrregião conforme figura 1.

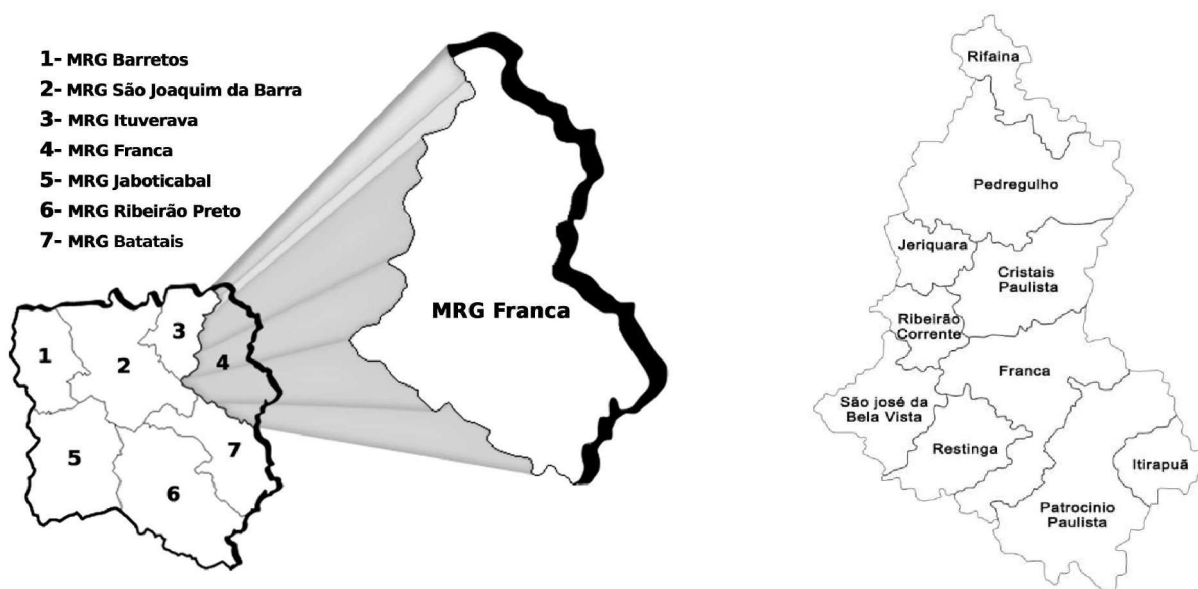


Figura 1 – Divisão da Mesorregião de Ribeirão Preto e Microrregião de Franca – Estado de São Paulo. (Fonte: Informativo Sistema Agroindustrial Integrado (SAI), 2008, alterado por Edmar C. Gomes, 2010).

Se analisarmos a evolução de sua população desde a década de 1970 até 2000, percebemos que não foi diferente do que ocorreu no Estado de São Paulo, houve um decréscimo significativo da população rural principalmente entre a década de 1970 e 1980, mas que diminuiu nas décadas seguintes, chegando ao menor índice em 2000, acompanhando também a tendência do Estado, como podemos verificar tabela 1:

Tabela 1 – População residente, segundo situação do domicílio e microrregião de Franca – Estado de São Paulo – 1970-2000

| Anos | POPULAÇÃO RESIDENTE | | | | | |
|------|---------------------|---------|--------|---------|----------|---------|
| | Total | Urbana | Rural | Total % | Urbana % | Rural % |
| 1970 | 149.030 | 107.513 | 41.517 | 100 | 72,1 | 27,9 |
| 1980 | 199.605 | 171.017 | 28.588 | 100 | 85,7 | 14,3 |
| 1991 | 288.135 | 264.193 | 23.942 | 100 | 92% | 8% |
| 2000 | 350.283 | 329.462 | 20.821 | 100 | 94% | 6% |

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

Nota: Dados extraídos do Banco de Dados Agregados.

A história da região denominada aqui microrregião de Franca está intimamente ligada à história de Minas Gerais. Desde a época da mineração que marcou profundamente a economia mineira, ocorreu um desenvolvimento da pecuária e da produção de alimentos, fazendo com que Minas Gerais se transformasse no início do século XIX num grande mercado abastecedor de alimentos. Com a mineração em crise e a necessidade de grandes áreas para a criação extensiva de gado, os mineiros, informados de terras férteis em regiões onde hoje se localiza o triângulo mineiro e o chamado nordeste paulista, onde parte está ocupada pela região de Franca, mudaram com suas famílias interessados em criar em terras paulistas. Foi do sul de Minas¹ e da Comarca do Rio das Mortes que se deu uma corrente migratória em finais do século XVIII, responsável pelo desenvolvimento de uma extensa área, que do município de Franca, fundado em 1824, originaram no decorrer dos anos diversos desmembramentos, que deram origem a dezenas de cidades paulistas.

Esta penetração da capitania de São Paulo por colonos de Minas Gerais, então em início, se acentuaria para o futuro, quase todos os núcleos povoados desta região, e formados na primeira metade do século XIX são de origem mineira: Franca, Ribeirão Preto, São Simão, Descalvado, São João da Boa Vista e outros. (PRADO JR., p. 72, 2004).

A região então conhecida como Sertão do rio Pardo ou “Belo Sertão de Goiás”, localizada entre os rios Pardo e Grande, já havia, mesmo antes dos primeiros migrantes mineiros, sido ocupada por paulistas desde o século XVIII, que foram se fixando às margens do caminho conhecido também como *caminho de Goyaz* ou “Estrada dos Goiás”. Quando os primeiros entrantes mineiros chegaram, a terra, mesmo que em número reduzido, já estava habitada. Esse caminho fora aberto por bandeirantes, transformando essa rota na principal ligação entre a região litorânea paulista com o Centro-Oeste. (CHIACHIRI FILHO, 1986).

No mapa abaixo retratado pela figura 2, mostra o caminho seguido por Burchell na viagem de Santos a São Paulo, até Goiás Velha, executado por Eduardo Canabrava Barreiros.

¹ A emancipação de Campanha, desmembrado de São João Del Rei é que dá início ao que conhecemos hoje como Sul de Minas. A partir de 1789 os núcleos principais do município foram Baependi, Jacuí, Pouso Alegre, Itajubá, São Gonçalo do Sapucaí e Lavras, que no início do século XX se desmembram em outros municípios através de leis estaduais promovendo constantes divisões administrativas. Surgem, Liberdade, Pouso Alto. Jacuí é dividido em Passos, São Sebastião do Paraíso e Monte Santo. Pouso Alegre, divide-se em Caldas, Cabo Verde, Alfenas e Poços de Caldas.

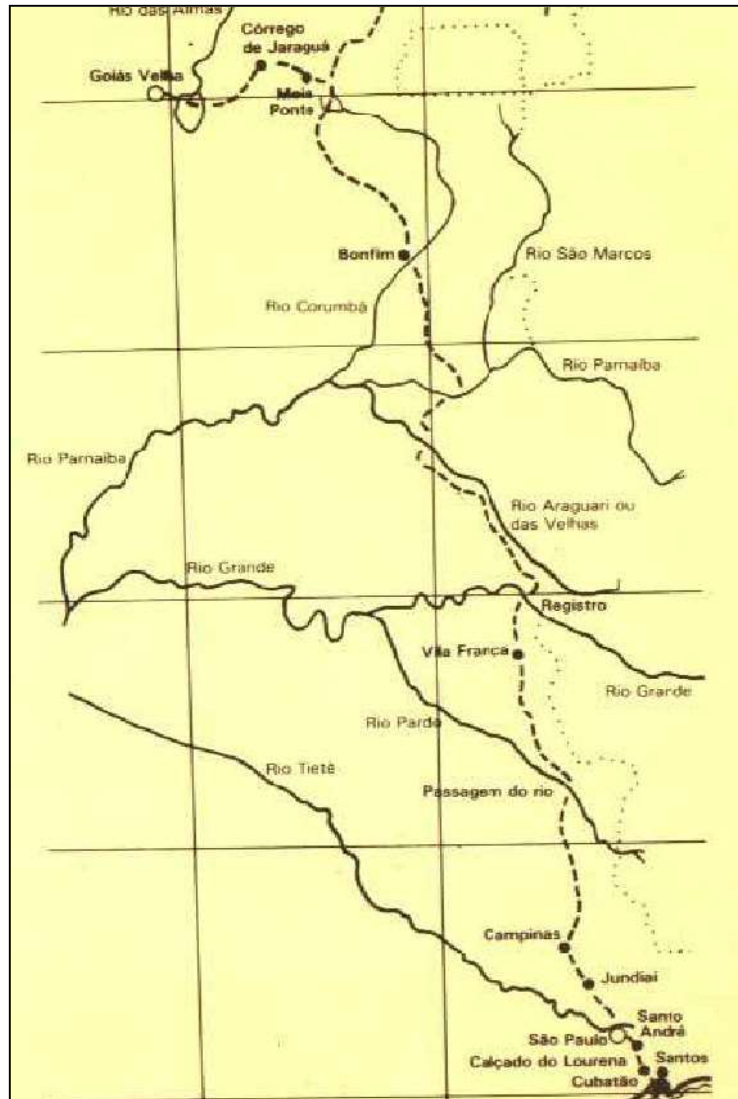


Figura 2 – Localização da Vila Franca e o caminho dos goiases, 1826. (Fonte: http://www.francasite.com/museu_virtual/localizacao.html).

Segundo a historiografia, a região, durante a primeira metade do século XIX recebeu um grande contingente de migrantes mineiros, responsáveis por trazer a tradição da pecuária para terras paulistas.

Chamados de *entrantes* mineiros, de acordo com Lucila Reis Brioschi, a região que compreendia as antigas vilas de Casa Branca, Batatais e Franca foram habitadas por esses *entrantes* mineiros. Apesar de a região ter sido habitada inicialmente por paulistas, a migração do século XIX foi predominantemente mineira.

Até 1820, por volta de três quartos dos habitantes do antigo Sertão do rio Pardo eram oriundos de Minas Gerais (BRIOSCHI, 1995, p. 87).

Ao entrarem em terras paulistas

pela vila de Jacuí ou pelo arraial do Desemboque, fundaram em um primeiro momento o arraial de Franca. Continuaram em direção sul e sudoeste, cruzando o Sapucaí-Mirim, estabelecendo núcleos de povoamento que deram origem a Santana dos Olhos d'Água e São José do Morro Agudo. (BRIOSCHI, 1995, p. 116-117).

A população mineira se tornou predominante no local, a partir das primeiras décadas do século XIX e trouxe consigo alguns hábitos, costumes e práticas como a criação de gado bovino, que acaba se tornando a principal atividade econômica praticada nessas terras durante este século. Como era pequeno o número de vacas, os campos de boa qualidade permaneciam pouco povoados, cenário que não se modificou muito ao longo do século XIX, ainda mais que a população local demonstrou uma preferência ao consumir a carne de vaca.

Essa atividade não representava grandes negócios, pois do comércio de gado, ocorrido na região, boa parte dos bois e vacas vinham de outras regiões (Mato Grosso, Goiás, região atual do Triângulo Mineiro). A região de Franca na verdade, se firmava como um entreposto comercial, pois se mantinha com uma criação ainda de pouco vulto, caracterizando até aqui a atividade pecuária

Havia um custo para essa atividade, como construir as instalações apropriadas para desenvolver a criação (barracões, currais, etc.)

Outro produto necessário para a criação de gado era o sal. Esse vinha de locais mais distantes, onde seu comércio exigia uma troca de produtos excedentes produzidos na região. O que se produzia de excedente, geralmente ia para Campinas em carros de boi, retornando à região com cargas de sal e posteriormente distribuídas em outras localidades.

Outra criação que ocorria era de cavalos, poucos, mas que eram utilizados para o transporte. Lembrando, que toda a produção e a atividade desenvolvida nesse local, sempre foi em pequena escala, pois, a região não teve grandes proprietários de terras e fazendeiros como tiveram outras regiões, onde o investimento em determinada produção era alta.

Na primeira metade do século XIX, a criação se torna a principal atividade dos moradores da vila de Franca. Verifica-se que dentre os diversos animais criados na região de Franca, os bovinos eram maioria, alcançando 76,7% de todo o rebanho registrado. (OLIVEIRA, 2006).

Celso Furtado constata ao analisar as atividades agrícolas do Nordeste, que os grandes proprietários rurais tinham acesso às terras por meio da compra, acesso público, ou pela violência, mantendo uma agricultura competitiva. Dessa forma, ao produzir em grande escala para exportação, desalojava as antigas atividades rurais, que era a pecuária extensiva e a agricultura familiar praticada em pequenas propriedades e as expulsava para o interior, Furtado (2004). Nesse contexto, a pequena propriedade não conseguia concorrer com a grande propriedade, se submetendo, assim, ao cultivo de produtos de subsistência e ao domínio do capital mercantil. Furtado (1972), alerta que esse fato não ocorreu somente no Nordeste, mas também reproduziu-se nas lavouras de café do Sudeste.

A propriedade na microrregião de Franca era pequena e o investimento que se fazia também. Podemos mencionar uma produção modesta de artigos basicamente para o consumo como tecidos grosseiros frutos da criação de alguns carneiros, produtos de couro confeccionados artesanalmente. Era parte dessa produção que se compunham as trocas com o sal, que necessitavam para a criação de gado. Em meados do século XIX são encontrados diamantes na região, mas como as consequências da atividade, como aumento populacional, pessoas que viriam somente para enriquecer, invasões de terra diante da quantidade de pedras, não compensava investir na atividade.

A agricultura, apesar de contar com um clima favorável, as técnicas utilizadas era ainda bem rudimentares já na segunda metade do século, por volta de 1870. Os produtos cultivados nessa época eram o arroz, o feijão e também a mandioca, mas se destacando na paisagem as plantações de milho, que era consumido por outro produto que tinha grande importância comercial no mercado local, o porco. Além dos porcos comercializados vivos com o Rio de Janeiro, eram feitos toucinho, que se destinava à Campinas e região.

A criação de porcos chega a alcançar 80% das propriedades rurais da região de Franca e os poucos engenhos de cana, ainda movidos por força animal existentes no início do século XIX produziam somente para o sustento das famílias, o que gerava uma preocupação, pois a cana-de-açúcar, o algodão e o café surgem como perspectivas de maiores rendimentos. Somente por volta de 1870, houve uma melhoria no incremento de novos engenhos movidos pela força da água, proporcionando aos proprietários um lucro maior.

Nas margens do rio Grande, era cultivado o algodão em quantidade razoável. Além de produzir tecidos para suprir a localidade, também vendiam para outras

localidades algumas varas de algodão, portanto esse produto também nunca se tornou uma exclusividade de nenhum produtor, não havendo com isso, grandes necessidades de investimentos.

O café, produzido na região nessa mesma época foi tido como admirável, mas alguns fatores naturais como a vasta vegetação que crescia em época de chuva, poucos trabalhadores na localidade, faziam com que suas plantações fossem eventuais. Essa lavoura só viria a crescer no início da década de 1880.

A maior dificuldade encontrada para desenvolver as plantações de café nesse local era um costume antigo de produzir no interior de suas propriedades tudo o que julgassem necessário para o sustento de suas famílias. Dentro de cada fazenda produzia o café que surgia, cana-de-açúcar, arroz, feijão, milho, algodão, criava seus porcos, as vacas. Todas essas atividades coexistiam no interior da fazenda, além do que ainda produzia: o leite, o queijo, rapadura, farinha, carne, tecidos, com um número reduzido de trabalhadores. Com relação à mão de obra, era composta pelos próprios mineiros que se instalaram no local e poucos escravos existentes em algumas propriedades. Segundo Carvalho (1963):

A primeira vantagem da fazenda mista está no estrume gratuito para adubar as plantações. Vem em seguida a possibilidade de rotação de pastos e a produção in loco do alimento do gado que faz baixar o custo do leite, da manteiga, do toucinho, dos capados e novilhos de corte; avoluma o lucro na venda dos animais e dos produtos da pecuária. A diversidade das produções assegura, sem dúvida, o equilíbrio econômico da empresa: quando uns produtos estão em baixa de cotação, outros estão em alta.

Essas práticas e procedimentos permaneceram em todas essas atividades por longo tempo. Os hábitos e as técnicas para realizar as atividades nos remetem aos primeiros povoadores da região em questão.

Ainda que a antiga vila de Franca estivesse já com suas ruas delimitadas, até a chegada da grande lavoura cafeeira e da ferrovia, no final do século XIX, o que se percebia era que em vários outros centros urbanos recém-criados, eram frágeis os limites entre o núcleo urbano inicial e a área rural. O modo de vida rural marcava o cotidiano das pessoas.



Figura 3 – Plataforma da Estação da Mojiana – Franca, 1910. (Fonte: acervo do Museu da Companhia Paulista - Jundiaí-SP).

Com a chegada da ferrovia com a Companhia Estrada de Ferro Mogiana², organizada de início com a participação do capital dos grandes fazendeiros do vale do Jaguari e do Mogiguaçu, em 1880 tomava emprestado no mercado financeiro de Londres, 483.700 libras. O primeiro projeto da ferrovia visava atingir apenas Mogi-Mirim, sendo em seguida modificado: os trilhos alcançaram Casa Branca (1878), São Simão (1880), Ribeirão Preto (1883), Franca (1887) e às margens do rio Grande em 1888. Em 1896 a ferrovia alcançou Araguari, cidade mineira do Triângulo, com o projeto de ligar o território goiano ao porto de Santos, projeto não executado pela Companhia. (BORGES, 1990). Ver figura 4.

² As referências encontradas desta companhia foram: Mogyanna, Mogiana e Mogyana . Optamos pela escrita atual “Mojiana”, de acordo com o “Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa”: MOJIANO: (1) *Adj.* Relativo ou pertencente à região servida pela Estrada de Ferro Mojiana (SP a MG). (2) *Adj.* De, ou pertencente ou relativo a Moji das Cruzes (SP). (3) *Adj.* De, ou pertencente ou relativo a Mojimirim (SP). (FERREIRA, 2009).

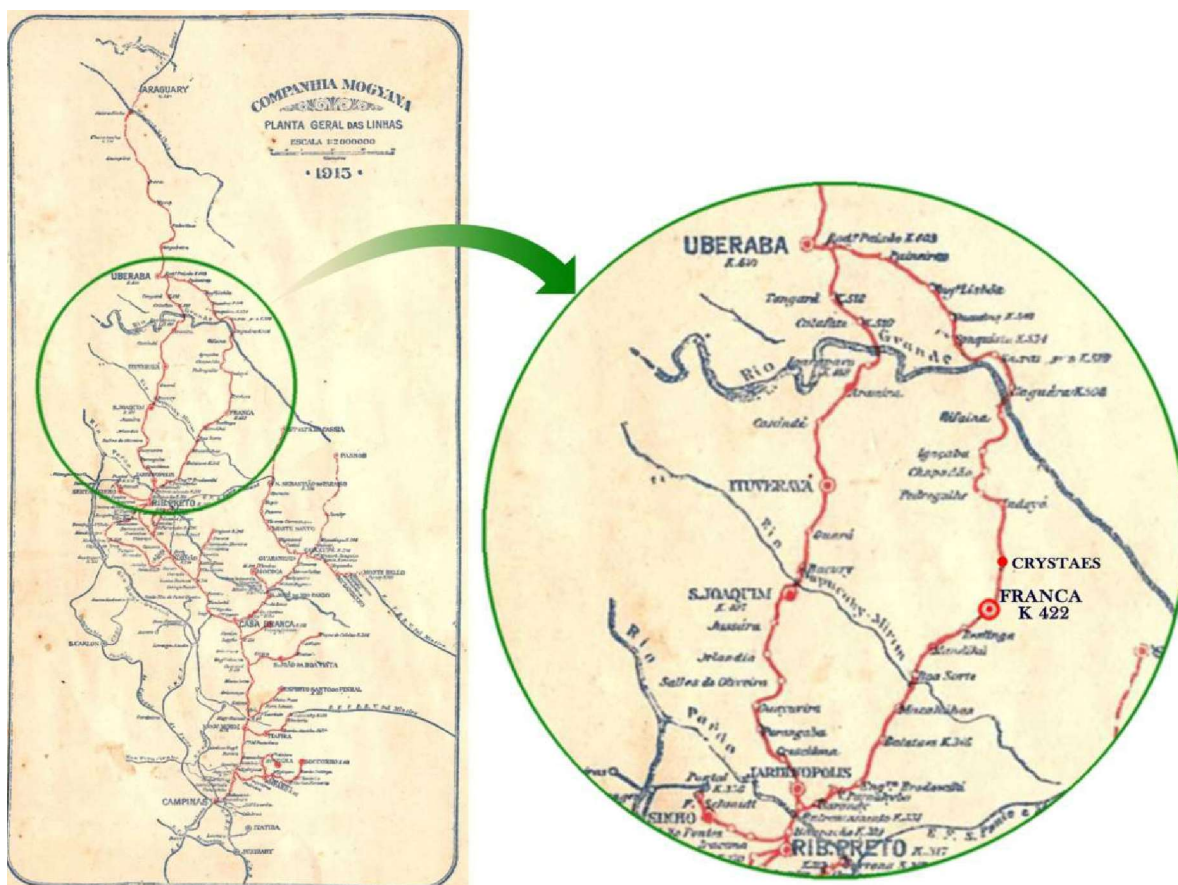


Figura 4 – A expansão da estrada de ferro da Mojiana e em destaque: Franca e o Distrito de Crystaes, 1913. (Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP), trabalhado por Edmar C. Gomes, 2010).

De acordo com Sérgio Buarque, vários traçados dos trilhos ferroviários seguiram os antigos caminhos de índios e bandeirantes. Isso provavelmente ocorreu na região de estudo, pois, do antigo caminho do gado e do sal, a estrada de ferro se instalaria e a partir dela posteriormente seria feito o traçado das rodovias. (HOLANDA, 2001).

Como podemos observar em detalhe na figura 4, o antigo caminho dos goiases (figura 2), que ligava a vila de São Paulo às minas de Goiás, sofreu alteração no final do século XVIII, cujo traçado seguiu em direção à Uberaba, onde podemos ver em destaque o *districto de Crystaes*, que viria a ser o município atual de Cristais Paulista, entrando no circuito ferroviário do país.

A partir do século XIX, São Paulo entra definitivamente no cenário econômico do Império como exportador, inicialmente com a cana-de-açúcar e logo depois o café.

A região de Franca, inserida nas chamadas novas zonas cafeeiras paulista, acaba por se tornar durante o século XIX uma das últimas a produzir em grande escala o café, sem jamais ter sido exportadora de açúcar.

Nada sofrera alteração desde que os primeiros mineiros chegaram. O território (ver figura 5), os costumes, a economia, quase nada se alterou. Somente em 1839 ocorre o primeiro desmembramento territorial do município de Franca. Após esse, outras divisões só vão acontecer em 1873 e 1886 (ver figura 6). O que vai realmente alterar a paisagem regional será a plantação de café em larga escala, a chegada da estrada de ferro e a imigração europeia, nas duas últimas décadas do século XIX.

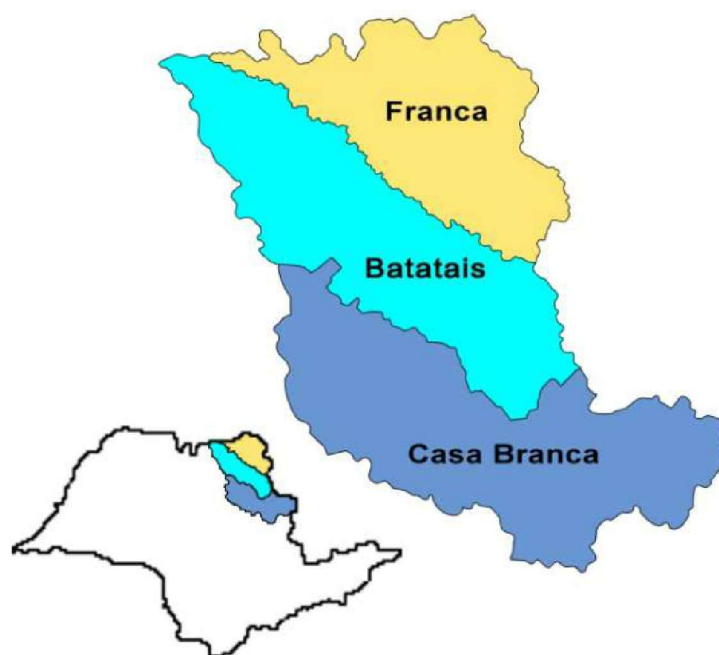


Figura 5 - Municípios existentes no nordeste paulista em meados do século XIX - (Franca (1821), Batatais (1839) e Casa Branca (1841). Fonte: mapa adaptado a partir de: BACELAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis, (Orgs.) e Na Estrada do Anhangüera: Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999, p. 18 e 84, trabalhado por Edmar C. Gomes, 2010).

Dos municípios que compõem essa microrregião, somente dois municípios: Franca e Patrocínio Paulista foram criados no século XIX, em 1821 e 1885 respectivamente, sendo este último desmembrado de Franca, ou seja, inicialmente na região até fins do século XIX existia apenas o município de Franca. A partir da década de 20 do século seguinte, os outros municípios surgiram tendo sempre como origem Franca, com exceção de Pedregulho, o terceiro município a ser criado desmembrando-se de Igarapava, na atual microrregião de Ituverava, conforme mostra o quadro e o mapa abaixo:

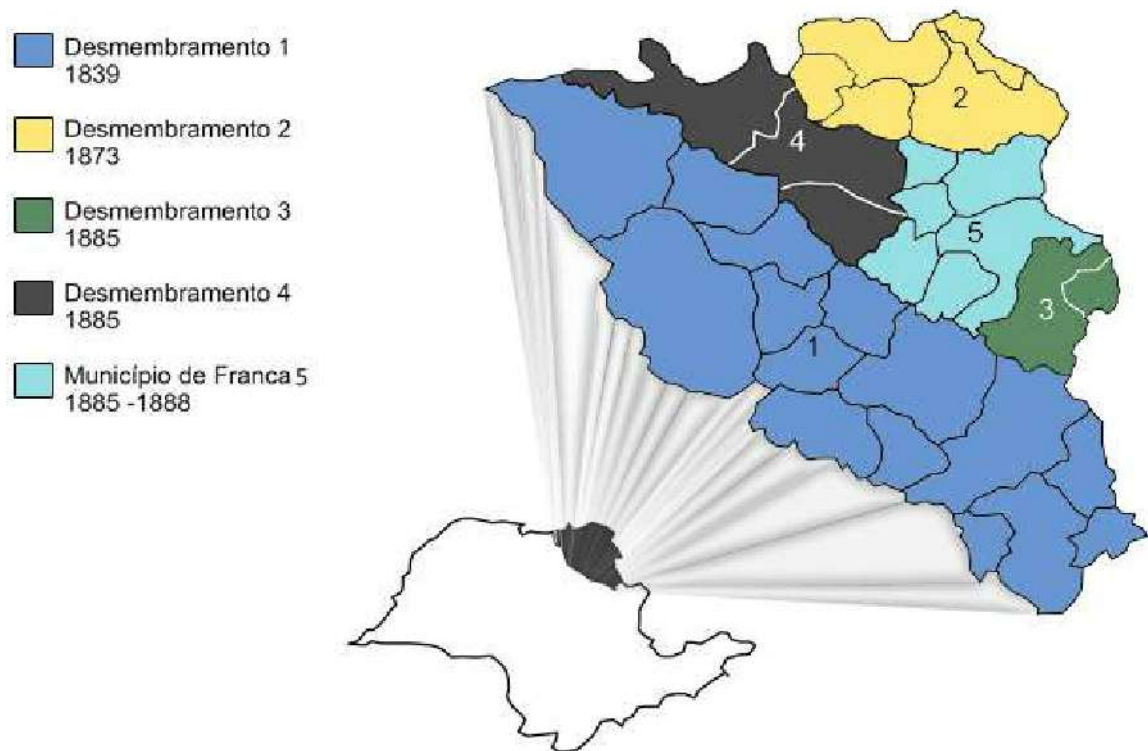


Figura 6 - Desmembramento da região de Franca. (Fonte: mapa adaptado a partir de: BACELAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis, (Orgs.). Na Estrada do Anhangüera: Uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999, p. 18, alterado por Edmar C. Gomes, 2010).

O desmembramento do município de Franca teve origem com a criação do município de Batatais em 1839. Essa área (1) indicada no mapa corresponde atualmente a quinze municípios: Batatais, Altinópolis, Cajuru, Santo Antonio da Alegria, Santa Cruz da Esperança, Cássia dos Coqueiros, Orlândia, Sales Oliveira, Nuporanga, Morro Agudo, São Joaquim da Barra, Ipuã, Guaira, Brodósqui e Jardinópolis.

Após esse primeiro desmembramento, somente em 1873, surgiu o município de Igarapava, de onde foram criados posteriormente outros municípios como Rifaina, Pedregulho, Buritzal e Aramina. (área 2 do mapa acima)

Os próximos desmembramentos (área 3 e 4 do mapa), ocorreram em 1885, sendo criadas os municípios atuais de Patrocínio Paulista, que dará origem a Itirapuã e Ituverava, que por sua vez dará origem aos municípios de Guará e Miguelópolis.

O desmembramento final do território se restringiu ao espaço do município de Franca (área 5). Surgiram posteriormente os municípios de Restinga, Cristais Paulista, Jeriquara, São José da Bela Vista e Ribeirão Corrente, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 - Municípios da microrregião de Franca: origem, data de emancipação e município de onde foi desmembrado

| Município | Processo gênese do povoado | Ano de emancipação | Município de onde desmembrou |
|------------------------|----------------------------|--------------------|------------------------------|
| Cristais Paulista | Ferrovia | 1959 | Franca |
| Franca | Ponto de pouso | 1821 | Mojimirim |
| Itirapuã | Garimpo | 1948 | Patrocínio Paulista |
| Jeriquara | Doação terra | 1964 | Franca |
| Patrocínio Paulista | Garimpo | 1885 | Franca |
| Pedregulho | Estação ferroviária | 1921 | Igarapava |
| Restinga | Estação ferroviária | 1964 | Franca |
| Ribeirão Corrente | Ponto de pouso/doação | 1964 | Franca |
| Rifaina | Ponto de pouso | 1948 | Pedregulho |
| São José da Bela Vista | Café | 1948 | Franca |

Fonte: Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista – BACELLAR, Carlos de A. P., BRIOSCHI, Lucila R., (Orgs.). São Paulo: Humanitas Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFLCH-USP), p. 19, 1999.

Basicamente os demais municípios surgiram a partir da década de 1950, inclusive Cristais Paulista em que sua criação data de 1959.

Todos esses municípios na verdade nasceram de pequenas comunidades que tiveram sua origem pelo menos quase um século antes. Três fatores aceleraram o povoamento desses lugares na segunda metade do século XIX: o garimpo que atraiu muitos imigrantes aos pequenos povoados; a chegada do café e da ferrovia, em 1870 e 1887 respectivamente.

A microrregião de Franca, juntamente com todas as outras microrregiões que compõem a mesorregião de Ribeirão Preto, principalmente Ituverava, Batatais e a própria microrregião de Ribeirão Preto sofreram no final do século XIX mudanças significativas em sua base produtiva com a chegada e o avanço do café e com advento da ferrovia. Na microrregião de Franca, isso ocorre por volta de 1885 e 1887, quando chega os trilhos das estradas de ferro, colocando o município de Franca no circuito da cafeicultura paulista, ligando-o ao mercado externo.

Sem dúvida, a chegada do café trará uma série de mudanças na realidade sócio-econômica da região. Dentre as mudanças, a demográfica teve destaque, pois além, da corrente migratória mineira que, se torna menos contundente ao longo do século, sem cessar, o antigo Sertão do rio Pardo os migrantes fluminenses, paulistas, nordestinos e os imigrantes europeus, especialmente os italianos. (BRIOSCHI, 1991, p. 53).

Em relação à ocupação territorial da região,

(...) as levas de migrantes, que definiram a ocupação do Sertão do Rio Pardo; houve, na verdade, a predominância daqueles que reuniram condições de manter um contato formal com as autoridades no sentido de se estabelecer nas melhores e mais bem-posicionadas faixas de terra. (TOSI, 1998).

Diferentemente do que ocorreu em outras regiões, que com a expansão da cafeicultura optou pela continuidade da integração ao mercado externo, o processo ocorrido em Franca foi numa direção oposta. A cafeicultura ali não se tornou uma atividade monocultora, mas sim preservou as antigas culturas que serviam ao abastecimento interno. Se a cafeicultura geralmente eliminava as velhas atividades, em Franca desenvolveu-se uma produção visando tanto o mercado local e regional. Com a chegada de mineiros, uma importante produção regional se consolida baseada na criação de gado, num sistema diversificado, auto-suficiente e o excedente era comercializado na própria região. Isso será de suma importância nos objetivos deste trabalho, quando analisarmos a herança desse processo de preservação de velhas forças produtivas na microrregião.

Toda a produção cafeeira imprimiu uma nova dinâmica às antigas atividades, mas não as destruiu, mantendo um perfil diversificado nas unidades produtoras. A grande lavoura de café contribuiu para a formação de grandes fazendas sem alterar boa parte das pequenas propriedades. Pequenos produtores e também grandes fazendeiros não aderiram à monocultura, tentando conciliar tradição e incorporação de modernas formas de mercado.

Essa presença de pequenas propriedades vai ser fundamental para Franca e toda a região quando da crise do café, na década de 1930, onde ocorrerá uma queda na produção de café em todo o estado e país. Na microrregião de Franca ocorre uma superação dessa crise graças à manutenção de atividades paralelas ao plantio do café em pequenas propriedades e também em algumas médias e grandes, como dito acima. Podemos citar o exemplo do pequeno município de Restinga, que supera o revés da crise do café com a cultura de cereais e com a criação de gado.

Conforme podemos observar na tabela 3, Franca se sobressai às demais microrregiões, quando analisada a quantidade de propriedades com até 10 mil pés de café, nos anos de crise. Não contempla a tabela, todos os municípios das microrregiões, somente aqueles com o maior número de pequenas propriedades. Para dar maior ênfase à importância de Franca, se somarmos a quantidade de propriedades da microrregião de Batatais (427), de Ituverava (468), São Joaquim da Barra (187) e Ribeirão Preto (384),

cada microrregião não superaria o município de Franca. Na tabela seguinte mostraremos como a microrregião de Franca se comportou no período anterior e posterior à crise de 1929.

Tabela 2 – Pequenas propriedades em algumas microrregiões da mesorregião de Ribeirão Preto – Estado de São Paulo – 1932-1933.

| Microrregiões Municípios | Propriedades com até 10 mil pés de café | Representação sobre o total de propriedades (%) |
|-------------------------------------|--|--|
| MRG DE FRANCA* | | |
| Franca | 470 | 63,1 |
| MRG BATATAIS | | |
| Cajuru | 251 | 74,7 |
| Batatais | 103 | 41,4 |
| Altinópolis | 73 | 46,2 |
| MRG ITUVERAVA | | |
| Igarapava | 217 | 76,7 |
| Ituverava | 179 | 62,8 |
| Guará | 72 | 56,3 |
| MRG SÃO JOAQUIM DA BARRA | | |
| Orlândia | 125 | 61 |
| São Joaquim da Barra | 62 | 48,8 |
| MRG RIBEIRÃO PRETO | | |
| Sertãozinho | 104 | 55,9 |
| Ribeirão Preto | 85 | 39,7 |
| Jardinópolis | 71 | 53,4 |
| Brodowski | 67 | 47,9 |
| Santa Rosa de Viterbo | 57 | 72,2 |

Fonte: Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista – BACELLAR, Carlos de A. P., BRIOSCHI, Lucila R., (Orgs.). São Paulo: Humanitas FFLCH-USP, 1999, baseado em “O café – estatística de produção e comércio, 1932-33”.

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Para fins de nosso estudo é bom lembrar que até o período relativo aos dados da tabela só existiam na microrregião de Franca os municípios de Franca, Patrocínio Paulista e Pedregulho.

A tabela 3 mostra que apenas quatro municípios da mesorregião de Ribeirão Preto não diminuíram a produção de café: Batatais, Ituverava, Franca e Pedregulho, esses dois últimos da microrregião de Franca. Isso mostra que o café se mantém como produto importante na microrregião de Franca, enquanto nos outros municípios da mesorregião são obrigados a implantar uma diversificação em suas produções para superar a crise, enquanto Franca já havia de certa forma essa diversificação, que na verdade nunca deixou de existir.

Tabela 3 – Produção total de café em algumas microrregiões da mesorregião de Ribeirão Preto – Estado de São Paulo – 1920/1950 (toneladas)

| Microrregiões Municípios | 1920 | 1934 | 1940 | 1950 | 1950/1920 | 1950/1934 |
|---------------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|--------------|
| MRG DE FRANCA | | | | | | |
| Franca | 3.780 | 9.711 | 13.936 | 14.350 | 279,60% | 47,80% |
| Pedregulho | | 3.558 | 3.954 | 4.245 | | 19,30% |
| MRG BATATAIS | | | | | | |
| Batatais | 2.400 | 4.074 | 4.158 | 3.077 | 28,20% | -24,50% |
| MRG ITUVERAVA | | | | | | |
| Ituverava | 1.080 | 5.449 | 7.855 | 4.892 | 353,00% | -10,20% |
| MRG SÃO JOAQUIM DA BARRA | | | | | | |
| São Joaquim da Barra | 4.389 | 3.540 | 5.270 | 1.995 | -54,50% | -43,60% |
| Orlândia | 4.020 | 7.315 | 8.290 | 7.510 | -86,80% | 2,70% |
| MRG RIBEIRÃO PRETO | | | | | | |
| Ribeirão Preto | 8.400 | 15.786 | 10.066 | 3.407 | -59,40% | -78,40% |
| São Simão | 5.700 | 5.229 | 6.659 | 2.552 | -55,20% | -51,20% |
| Sertãozinho | 3.750 | 5.857 | 3.586 | 691 | -81,60% | -88,20% |
| Jardinópolis | 2.790 | 4.114 | 2.588 | 1.474 | -47,20% | 64,20% |
| Total do Estado | 303.659 | 819.153 | 914.782 | 864.862 | 184,80% | 5,60% |

Fonte: Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. BACELLAR, Carlos de A. P., BRIOSCHI, Lucila R. (Orgs.). São Paulo: Humanitas FFLCH-USP, p. 166, 1999.

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

Atualmente a microrregião de Franca mantém a cafeicultura como principal atividade agrícola e há uma predominância na região de pequenos municípios, temos nove no total em que sua população não ultrapassa 20 mil habitantes e uma expressiva participação da população rural se comparada com as demais microrregiões e mesorregiões do Estado. Consideremos que a população da microrregião está concentrada em apenas um município, 82% dessa população pertence à Franca e apenas 18% distribuída entre os demais municípios. Veja a tabela 4.

Tabela 4 – Municípios, segundo situação de domicílio, densidade demográfica e microrregião de Franca – Estado de São Paulo - 2000

| Municípios | Total | Densidade | Urbana | Rural | % | % |
|------------------------|---------|-----------|---------|-------|------|------|
| Cristais Paulista | 6.579 | 16,97 | 3.898 | 2.681 | 59,2 | 40,8 |
| Franca | 287.737 | 473,22 | 282.203 | 5.534 | 98,1 | 1,9 |
| Itirapuã | 5.412 | 33,73 | 4.312 | 1.100 | 79,7 | 20,3 |
| Jeriquara | 3.280 | 23,24 | 2.510 | 770 | 76,5 | 23,5 |
| Patrocínio Paulista | 11.416 | 19,03 | 8.606 | 2.810 | 75,4 | 24,6 |
| Pedregulho | 14.994 | 21,38 | 10.909 | 4.085 | 72,8 | 27,2 |
| Restinga | 5.584 | 22,65 | 4.142 | 1.442 | 74,2 | 25,8 |
| Ribeirão Corrente | 3.881 | 26,15 | 2.939 | 942 | 75,7 | 24,3 |
| Rifaina | 3.325 | 19,36 | 2.866 | 459 | 86,2 | 13,8 |
| São José da Bela Vista | 8.075 | 29,13 | 6.967 | 1.108 | 86,3 | 13,7 |

Fonte: IBGE – Censos Demográficos. Nota: Dados extraídos do Banco de Dados Agregados.

Nesse ponto, é importante ressaltarmos como essa divisão espacial oculta a realidade, principalmente dos pequenos municípios. Fica nítido no caso da microrregião de Franca, onde temos esse município com uma indústria de calçado bastante desenvolvida, se apresentando como a primeira do país, quando se trata da fabricação de calçados masculinos de couro. É preciso um alerta quando se retrata essa microrregião, pois na verdade está mostrando a realidade basicamente de um só município, que é Franca, por isso justamente no caminho oposto, esse trabalho exclui Franca e mostra como se comporta a economia dos pequenos municípios e sua importância na economia regional.

Como exemplo do fato acima, podemos mencionar o caso da Fundação SEADE que ao regionalizar o estado em Regiões Administrativas (RAs), a RA de Franca, composta por todos os municípios da microrregião e outros pequenos municípios apresenta como características a pecuária extensiva, agricultura moderna e participação expressiva da população urbana.

Outro estudioso da industrialização do Estado de São Paulo, Wilson Suzigan, ao se referir às microrregiões paulistas diz que:

A microrregião de Franca caracteriza-se por concentrar o segundo maior pólo produtor de calçados do país, com uma característica distintiva: a especialização na produção de calçados masculinos de couro. Comporta praticamente toda a cadeia produtiva de couro/calçados e uma organização institucional diversificada e articulada ao sistema produtivo. Desta forma, os sistemas localizados de produção e inovação (SLP)³ de calçados destaca-se como elemento decisivo tanto para o desenvolvimento econômico da microrregião de Franca, como da própria indústria de calçados do estado de São Paulo. (SUZIGAN, 2005).

³ Um SLP contém várias classes de indústrias. Por exemplo, a indústria de calçados de Franca apresenta alta concentração de empresas produtoras de calçados de couro e também de diversas indústrias correlatas, como fabricantes de matéria-prima, componentes e máquinas para calçados (SUZIGAN, 2006). Nesse sentido, a microrregião de Franca aparece em mais de uma classe da indústria, porém todas pertencem e estão ligadas ao mesmo sistema local.

O autor em outro texto confirma o dito acima com o mapa abaixo (figura 7) sobre o número de classes de indústrias nas microrregiões paulistas.

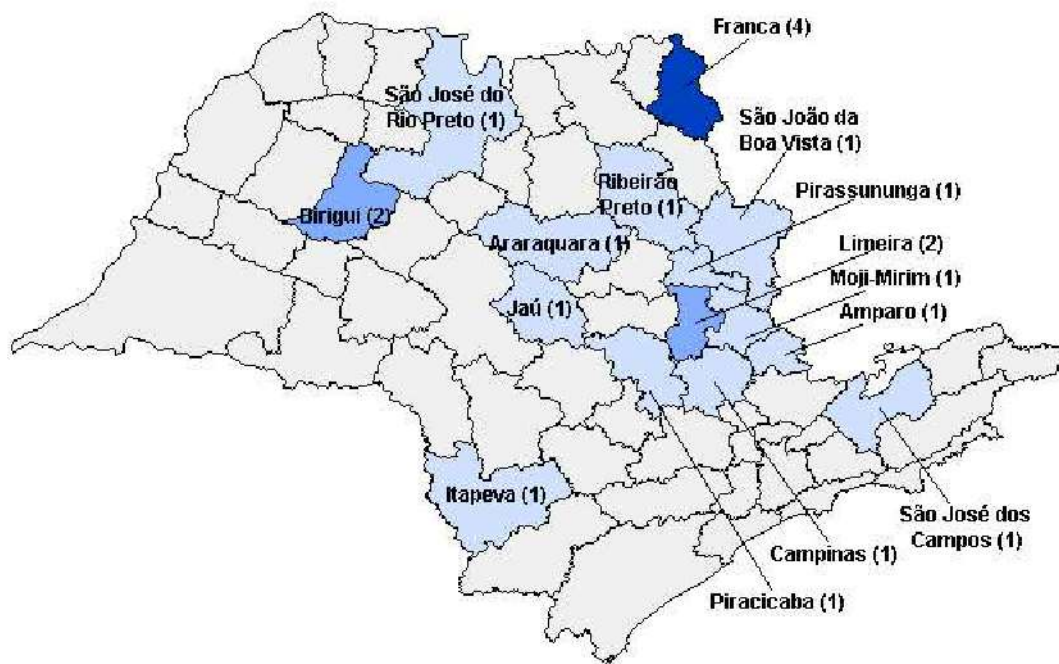


Figura 7 - Número de classes de indústrias nas microrregiões do tipo "Núcleo de Desenvolvimento Local / Regional", Estado de São Paulo, 2004. (SUZIGAN, 2006).

No mapa acima, a microrregião de Franca aparece em destaque nas indústrias de vestuário e calçados, caracterizando-se como núcleo de desenvolvimento local e regional.

Na verdade no estudo realizado percebemos que quando ele se refere à microrregião de Franca, não mostra a heterogeneidade presente na totalidade da economia de seus municípios e até que ponto a indústria calçadista interfere e influencia a economia da região.

Apesar de que em outro momento o próprio autor reconheça, mas sempre se referindo à economia industrial da microrregião de Franca.

Ele se refere à importância da cidade de Franca para o setor calçadista paulista e também do país. Com relação aos municípios vizinhos, ele diz que apresentam certas atividades, menos importantes, ligadas à cadeia coureiro-calçadista. Patrocínio Paulista e Restinga se destacam na produção e acabamento de couro, enquanto Cristais Paulista e Pedregulho, em atividades de prestação de serviços. O autor reconhece, em todos os casos, a participação quase desprezível desses municípios no emprego do setor calçadista. (SUZIGAN, 2006).

Patrocínio Paulista, seria o município que mais contribui nesse setor, pois é nesse local que estão algumas empresas responsáveis pelas fases finais de preparação do couro, chamadas de “acabadoras”.

Tudo isso nos mostra como a presença de um grande centro, como Franca, acaba por ocultar os pequenos municípios em sua volta. O objetivo também do trabalho, ao analisar as mesorregiões e microrregiões paulista é justamente mostrar que não há uma homogeneidade entre os municípios da região, como mostram alguns dados. Apesar da predominância, por exemplo, do café em suas economias e que dentro de uma economia agrícola e não industrial, se diferenciam em vários aspectos.

O pequeno histórico do surgimento dos municípios da microrregião de Franca serve como instrumento de análise, pois por meio dele podemos perceber que apesar de terem-se originados a partir de Franca, suas histórias, num olhar superficial, podem induzir a semelhanças históricas e até mesmo sociais, porém são diante das especificidades, inerentes ao desenvolvimento desses pequenos municípios.

Referências

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado; BRIOSCHI, Lucila Reis. **Na estrada do Anhanguera**: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999.

BORGES, Barsanufu Gomes. **O despertar dos dormentes**: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais: 1909-1922. Goiânia: CEGRAF, 1990

_____. **Goiás nos quadros da economia nacional**: 1930-1960. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

BRIOSCHI, Lucila Rei et al. **Os entrantes no Sertão do Rio Pardo**: o povoamento da freguesia de Batatais - séculos XVIII e XIX. São Paulo: CERU, 1991.

CARVALHO, Daniel de. **Francisco Sales: um político de outros tempos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 71.

CHIACHIRI FILHO, José. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

FURTADO, Celso. A estrutura agrária no subdesenvolvimento brasileiro. In: _____. **Análise do modelo brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 89-122.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 05 mai. 2009.

_____. **Banco de Dados Agregados**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 jun. 2009.

OLIVEIRA, Lélío Luiz de. **Heranças guardadas e transições ponderadas: história econômica do interior paulista 1890-1920**. Franca: UNESP-FHDSS, 2006.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 119-265.

SUZIGAN, Wilson; CERRÓN, Ana Paula Munhoz; JÚNIOR, Antonio Carlos Diegues. Localização, inovação e aglomeração: o papel das instituições de apoio às empresas no estado de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 86-100, abr./jun. 2005.

SUZIGAN, Wilson et al. Inovação e conhecimento: indicadores regionalizados e aplicação a São Paulo. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 323-356, mai./ago. 2006.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. 1998. 375 f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Crédito e pequena cafeicultura no Oeste Paulista: Franca/SP 1890-1914. **RBE: Revista brasileira de economia**, Rio de Janeiro, v, 61, n. 3, p. 405-426, jul./set. 2007.